

O HERALDO

Anúncios, comunicados e assinaturas

SEMANARIO REPUBLICANO DEMOCRATICO

Redacção, Administração, Composição e Impressão

PAGAMENTO ADEANTADO

TIPOGRAFIA DO HERALDO

ASSINATURAS: Semestre, 70 centavos (700 réis)
Número avulso, 4 centavos (40 réis)

DIRECTOR=LYSTER FRANCO

LYSTER FRANCO e JOÃO P. DE SOUSA

Editor e Administrador—Lyster Franco

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Rua Primeiro de Dezembro, 23 e 27

O HORARIO DO TRABALHO

Como prenunciámos, damos hoje, em editorial, o «Horario do Trabalho», valioso documento juridico, que muito honra o seu auctor, sr. dr. Joaquim da Ponte, illustre Governador Civil deste districto e nosso muito presado amigo.

Estamos certos de que o «Horario do Trabalho» terá um bom acolhimento por parte de todos aqueles a quem directamente interessa; trata-se de um trabalho, que traduz em toda a sua plenitude a politica verdadeiramente republicana e de atracção, de que o sr. dr. Joaquim da Ponte fez o seu programa governativo.

Tal politica, que não é mais do que a execução do vasto plano reconstructor a que o glorioso Partido Republicano se votou ao tomar conta das secretarias do Estado, tem agradado a «quasi» todos os algarvios.

Propositadamente acentuámos o «quasi».

Não ha duvida de que tem havido, nima ou outra vez, aqui e além, pequenas divergencias, mesquinhas reacções, originadas no despeito de todos aquelles que preferem a Ordem, a Equidade e a Tolerancia compatíveis com os mais lindos principios da Democracia, uma politica facciosa, turbulenta e perturbadora.

Mas taes reacções, — é justo acentuar, — breve desaparecem, á falta de esteios que lhes solidifiquem as bases, deixando, a mór parte das vezes a descoberto, os seus artificiosos manipuladores.

Que S. Ex.ª continue, sem desfalecimentos, no caminho ençetado e terá sempre a apoiar-lo os bons republicanos; os bons patriotas; e todos aquelles que não desejam ver nem consentem que sejam monopolizadas as liberais conquistas da Republica a favor de uma diminuta e insignificante minoria de discólos, sem peso algum nos destinos do Paiz.

Eis o «Horario do Trabalho»:

Joaquim da Ponte, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra e Governador Civil do districto de Faro:

«Não tendo a Camara Municipal do concelho de Faro regulamentado a Lei n.º 295, de 22 de janeiro do corrente anno, e cumprindo-me suprir esta omissão, pela Lei n.º 420, de 13 de Setembro ultimo, tendo ouvido o respectivo Administrador, do Concelho e os representantes das classes interessadas, nos termos do artigo 1.º desta Lei, determino que no referido concelho se observe o seguinte regulamento do horario do trabalho dos empregados no commercio:

Artigo 1.º—Os estabelecimentos comerciais do Concelho de Faro, seja qual for o ramo de negocio que explorem, poderão ser abertos a qualquer hora e serão encerrados, de 1 de Novembro a 28 de Fevereiro, ás 20 horas, e nos mezes restantes, ás 21 horas, exceptuando-se os casos previstos neste regulamento.

§ 1.º—O encerramento de padarias, vacarias e leitarias, tabernas com comida, casas de pasto, restaurantes, cafés, tabacarias e pastelarias, será facultativo, salvo o disposto em legislação especial.

§ 2.º—Os respectivos empregados dos estabelecimentos comerciais poderão trabalhar por turnos, contanto que nenhum deles trabalhe mais de dez horas em cada dia.

§ 3.º—O trabalho para os empregados de estabelecimentos de crédito, de cambio e de escritorio começará ás 10 e acabará ás 18, tendo os mesmos empregados o direito de exigir dos patrões o pagamento das horas de serviço extraordinario, sendo cada hora con-

tada pelo dobro da do dia normal de trabalho.

§ 4.º—Todos os empregados dos estabelecimentos compreendidos nos artigos 1.º e 2.º, terão intercaladas nas suas horas de trabalho mais duas para as refeições, que serão marcadas de comum accordo entre elles e os patrões.

Artigo 2.º—Haverá tolerancia de 20 minutos nas horas designadas para o encerramento de todos os estabelecimentos.

Artigo 3.º—Nos dias de feira local os estabelecimentos, ao quais não é permitido encerrarem depois das 20 e 21 horas, poderão estar abertos até á hora que mais convier aos seus proprietários, contanto que não exceda ás 23 horas.

Artigo 4.º—Os empregados que tiverem sociedade ou lucros em qualquer estabelecimento só poderão invocar a sua qualidade de associados, provando-a com escritura publica ou qualquer outro documento legal.

Artigo 5.º—As horas de entrada e saída dos empregados será regulada pelo relógio oficial da respectiva localidade.

Penalidades

Artigo 6.º—As transgressões da Lei e deste regulamento serão punidas com a multa de 5000, pela primeira vez, sendo ás reincidencias sempre punidas com o dobro da multa anteriormente aplicada, até ao limite legal.

Artigo 7.º—As importancias das multas, que poderão ser pagas voluntariamente no prazo de cinco dias, contado desde a data do avi-

Cronica citadina

O NEVOEIRO

O primeiro dia deste Ano da Graça, que vamos atravessando, assinalou-se, nesta cidade de Faro e subúrbios, por um grande nevoeiro, expressa bruma que, mal nós deixáramos enxergar as pessoas e as coisas e que, adensando-se á noite, modificou, singular e exquisitamente os aspectos da cidade, nimbando-os de nua aureola de fantasia, aludando-os em levadas espectraes e fugidias como evocações psíquicas materializadas nos repregos de um cenário nórdico.

As lampadas electricas atraíam especialmente a attenção.

Dir-se-iam pobres e extenuados pilr-lampas a agonisarem sob o amplexo asficientemente e mortífero do nevoeiro.

Os pavimentos das ruas reflectiam espelheiros como oleados polidos, o ar podia cortar-se á faca, e dissei que Mademoiselle Coisipação, acompanhada pelo seu venciando pai, o sr. Catarrhal, fez, nesse dia, algumas visitinhas pela cidade.

Creio bem que assim tenha acontecido; entretanto, é justo confessar-se nua certa gratidão pelo Nevoeiro.

Graças a elle, uós, em plena cidade morta; lográmos o inapreciavel espectáculo de anteveir; ainda que em longinquas miragens, os recantos d'esses focos de civilização chamados Paris e Londres, onde turbilhonam as grandes multidões habituadas a divertirem-se entre brumas algodoeitas, através das quaes as luzes dos peristilos dos theatros e casas de prazer, reluzem com atenuados brilhos de perolas carças.

A ELECTRICIDADE

Decididamente, Mademoiselle Electricidade está cada vez mais doente.

Vê-la a cuspir lampas e a tossir carcosasções. o mesmo é que entráramos na alua um grande do, porque é sempre lamentavel o espectáculo decadente de uma pessoa que outrora admirámos de perfeita sande e com um certo brilho nos olhos, quevo dizer: nas lampadas, que, até certo ponto lhe atenuava a cor amarelenta, que sempre a caracterizou, desde a tenra infancia.

E certo que Mademoiselle Electricidade nasceu enfesadita e clorótica, todavia, nós que a conhecemos de tamanha, nunca esperámos vê-la assim, tão depauperada e fraca; ainda em plena juventude.

Fraucamente, se a nosso cuidado estivesse tão preciosa existencia, não demonstraríamos nua consulta aos especialistas mais afanados.

Quem sabe se nua temporada na Guarda ou na Suíça lhe faria bem?

Aqui fica o almitre. Assim, é que Mademoiselle não pôde nem deve continuar a exhibir-se.

Além de nos causar tristeza, muita tristeza com as treminhas, tem que se traduz a sua debilidade extrema, sempre nos alarma o espirito pela possibilidade de contagiar-nos com a tuberculose que, por certo, lhe minia o organismo.

LYSTER FRANCO.

IMPrensa

«ALMA ALGARVIA»

O ultimo numero desta interessante revista, superiormente dirigida pelo nosso presado amigo e prestimoso correligionario, sr. Julião Quinhina, publicou o retrato do nosso director, acompanhando-o de tão lisonjeiras como merecidas referencias, mas que tem para nós o inapreciavel significado de nos fornecerem o estalo moral do belo character de Julião Quinhina, aquem muito desvanecidamente as agradecemos.

ASPECTOS ALGARVIOS



A cidade de Lagos

Os Concursos de «O Heraldo»,

AOS FOTOGRAFOS PROFISSIONAES E AMADORES

Qual é o aspecto mais interessante da capital do Algarve?

Ninguém duvida de que a cidade de Faro, capital deste Algarve das Mouras encantadas, das amendoeiras que sabem tocar-se de neve e rosas, dos crepusculos de sonho e das noites de luar incomparavel, oferece uma multiplicidade de aspectos, qual deles o mais caracteristico e proprio a impressionar a retina do excursionista; somente esses aspectos são ainda na sua maior parte, absolutamente ignorados e passam, por isso, quasi despercebidos á vista de naturaes e forasteiros, com grave prejuizo para a Estética e para a fama desta formosa região, que assim se vê privada de um dos seus melhores incentivos para a atracção e desenvolvimento do turismo.

Desde a vista panoramica de Santo António do Alto, até ás alcórcas caprichosamente recortadas da Ria; desde a chamada Estrada dos Moinhos, até ao Alto de Rodes, que diversidade de aspectos, que riqueza de linhas e que impressionantes e caracteristicos conjuntos, em que a nota regional vibra intensa na sua mais flagrante pureza!

Pelas ruas e travessas ha tambem recantos curiosissimos, até agora poupados pela camarello do Progresso, e onde ainda se podem admirar bellos retalhos da velha arquitectura regional e trechos dignos do estudo e attenção dos eruditos; que fariam bem enquadraados numa chapa fotografica e fixadas pela objectiva minuciosa dos Kodaks.

Vulgarisar os aspectos da cidade, eis o problema.

E esta allucina que nos propomos preencher com o presente concurso de que passamos a apresentar as

CONDIÇÕES

I—No seu o numero 310 abriu «O Heraldo» o seu «Concurso» de Aspectos por espaço de 4 mezes, a contar de 1 de janeiro de 1916 e encerrando-se em 31 de abril do mesmo anno.

II—Cada concorrente enviara ao Director d'«O Heraldo» tres fotografias de aspectos diversos da cidade; á sua escolha e na dimensão que preferir e no melhor processo fotografico em que trabalhar.

III—Cada fotografia será designada por um lema ou pseudonimo que occultará o nome do concorrente.

IV—Juntamente com as fotografias, assim assinaladas, enviarão os concorrentes ao Director d'«O Heraldo», um envelope lacrado contendo um cartão com o seu verdadeiro nome.

Este envelope terá exteriormente a seguinte inscrição:

CONCURSO FOTOGRAFICO DE «O HERALDO»

Do Concorrente (pseudonimo).

V—Encerrado o concurso, será constituido um juri especial para a apreciação dos trabalhos remetidos, os quaes, serão depois todos expostos, com a indicação dos que obtiverem premio, na sala da redacção de «O Heraldo».

VI—Os premios são assim constituidos:

I—Premio de Honra, correspondendo á publicação do trabalho fotografico, em fotografavura ampliada, abrangendo 3 colunas de «O Heraldo» e a altura proporcional e do retrato do autor.

II—Premio, Medalha de ouro, correspondendo á publicação do retrato e do trabalho do autor em fotografavura, abrangendo 2 colunas de «O Heraldo».

III—Medalha de prata, publicação do trabalho fotografico abrangendo 2 colunas de «O Heraldo».

IV—Mensão honrosa, publicação do trabalho fotografico abrangendo uma coluna de «O Heraldo».

Certos de que este concurso, o primeiro neste genero que se effectua nesta cidade, obterá um grande exito, recomendamos-lo aos nossos leitores, proporcionan-

REVISTA DE LITTERARIA

A MINHA TERRA

Coleção de dez Poemas, com ilustrações de Antonio Carneiro, a apparecerem mensalmente.

Estão a venda:

I—CAMINHOS

II—AUTO DO ANO NOVO

Cada exemplar 30 centavos

LIVRARIA AILLAUD E BERTRAND

15—Rua Garrett, 75—LISBOA

so, darão entrada no cofre da policia e serão rateadas pelo respectivo commissario, trimestralmente, da seguinte forma: 30 % para o cofre da commissão concelhia da «Assistencia Nacional»; 20 % para o cofre da Camara Municipal; 25 % para o Hospital da Santa Casa da Misericórdia, e os restantes 25 % para os agentes da autoridade que tomarem conta das transgressões.

§ unico—Os transgressores, que não pagarem voluntariamente as multas em que incorrerem, serão relegados ao poder judicial, em conformidade com as leis vigentes, sendo competente para acusar o Delegado do Procurador da Republica, conforme a lei n.º 300, publicada no *Diario do Governo* de 3 de Fevereiro de 1915.

Artigo 8.º—As transgressões serão denunciadas ás autoridades

administrativas, sendo competentes para o fazerem todos os agentes da Guarda Republicana, Policia Civica e Municipal, qualquer agente da autoridade, e ainda quaisquer cidadãos, devendo ser indicados na participação a fazer, o nome, profissão e morada do transgressor, a qualidade da transgressão o nome do empregado ou empregados prejudicados e o nome, profissão e morada das testemunhas.

Artigo 9.º—O presente regulamento entrará em vigor oito dias depois da sua publicação por editaes que serão afixados nos logares do costume em todas as freguezias do concelho de Faro.

Faro, em 27 de dezembro de 1915.

O Governador Civil,

Joaquim da Ponte.

do-lhes assim um passatempo artistico, util e agradável. Não se aceitam fotografias que já tenham sido reproduzidas pela fotografia.

Seguidamente alongaremos este concurso a todas as cidades, vilas e aldeias do Algarve, visto que o nosso empreendimento é valorisar os lindos aspectos da provincia por meio da reportagem fotografica.

Dr. Afonso Costa

Consta que o illustre Presidente do Ministerio vai brevemente a Paris e a Londres, a fim de tratar de importantes assuntos relativos ás finanças portuguezas.

Crónica da Capital

AQUI E

ACOLA...

(Pó da vida)

... Ainda a grande praga!

Talvez por sermos portuguez sem mistura, parece mas não é antagonismo! apesar de em nosso viver nos defrontarmos, a meu de, com contrariedades, bastas vezes a desventura a sufocarnos, e que, em tudo somos, sempre e sempre duma persistencia sem rival, desculpem a modestia.

Nestes termos, proseguimos no clamor bem alentado de justiça, contra a grande praga: os contractadores.

Pessoas que levam a sua benevolencia ao ponto, para reconhecimento, de lerem estes alinhavos meus, creaturas muito viajadas—quem nos dêra uma tal ventura!—argumentam-me que, em todas as capitães e até em pequenas cidades de além fronteiras, essa praga quizilenta surge torcicolando a sua industria rendosa, sempre crescente, sempre desafiando uma repressão.

Não o duvidamos, mas, sem dúvida, nesta lusa capital a praga leva ao auge o seu desafio. E para que o publico não continue a ser a victima desse desafio, continuamos nós a apelar para as providencias da policia. Ainda na segunda feira com a audição da Tosca, no Coliseu, os contractadores de bilhetes rejubilaram e engordaram, chegando a vender bilhetes pelo dobro do custo! Um negocio rendoso, como vemos e cremos até que, apesar disso, não é considerado... materia colectivel, como soc dizer-se em vinheta financeira.

Pode proseguir o desafio mas nós, talvez por sermos portuguez sem mistura, continuaremos reclamando contra elle, sempre e sempre, com uma persistencia que não desfalecerá.

Que lá resa o aforismo:—agua mole...

Algarvios em Lisboa

Logramos ver, nos ultimos dias na lusa capital: Antonio de Magalhães Barros e esposa, D. Maria da Gloria; agronomo João de Mattos Parreira, esposa D. Umbelina e filho José; Antonio Feliciano Trigo, Antonio Constantino Mil-Homens, Francisco José Pinto Junior, José Theodoro Coelho, Evaristo Penteado, João Santos Mendonça e esposa; dr. João Calçada, José Chrispim de Sousa etc.

JOÃO DO ALEM.

A educação do povo portuguez

O homem é o mais feroz inimigo do homem e o mais pertinaz demolidor da sua propria obra.

Não é necessário recorrer aos tempos primitivos, ás épocas mais rudimentares, em que as paixões dominavam quasi por exclusivo, para demonstrar a evidencia esta verdade.

Infelizmente, o que se está passando entre as nações mais cultas não é de modo a contrariar esta doutrina, porque os factos são superiores a qualquer ideia concebida.

Não vemos nós a Alemanha, longe de estacionar nos seus preparativos militares, estar aumentando de dia para dia os seus recursos bellicos? E para que? Para sustentar a guerra, diz ella, como se este eufemismo não encobrisse uma de duas coisas: ou a ambição insofrida de novas conquistas, ou a necessidade de manter o homem sob um continuo jugo de ferro, para que não esteja em permanente revolta.

Esta é a conclusão logica do espectáculo que estamos presenciando, espectáculo que não se poderá prolongar indefinidamente, pois parece já ter atingido os mais exceptionaes limites.

No século XVI, quando se ateou nos campos da Europa o incendio da Reforma, quando os sectarios de Lutero e os soldados de Carlos V se degladiavam numa luta de exterminio, tanto o protestantismo como o catholicismo praticaram actos de uma atrocidade inaudita que a historia, por mais benevola que seja, não pode deixar de condenar inexoravelmente. Os monumentos mais bellos, os quadros dos mais afamados mestres, as estatuas dos mais primorosos cinzeis, os objectos da mais esbelta estrutura, tudo serviu de alvo aos furiosos dos iconoclastas. Hoje lamentam-se esses destroços vandálicos, que se não podem reparar, e que nem sequer se salvaram pela gravura, pelo desenho ou pela pena dos escriptores. E o mais notavel de tudo isto é que nos paizes protestantes, como a Alemanha e a Inglaterra, pagam a peso de ouro e recolhem-se com o maior recato nos seus museus as obras primas do catholicismo, sem se reparar ao seu fundo essencialmente religioso. E' que a Arte que se comprehende na actualidade, é cosmopolita e só se faz valer e estimar pelas suas qualidades estéticas, por ser a representação genuína do belo e do sublime.

Apezar do culto votado ás Belas Artes, o espirito humano ainda de quando em quando é atormentado pelo nervosismo iconoclasta, por certos desvaireamentos epiléticos, que lhe fazem perder as mais rudimentares noções da equidade e do bom senso. Paris, a nova Atenas, o foco mais brilhante da civilização moderna, não esteve para passar por um dos mais medonhos cataclismos estéticos de que

Riquezas naturais

Um commercio lucrativo empatado

«A exportação da ameijo-a da Ria de Faro rende dezenas de contos ao Estado». Afirma-o a «O Herald» um constante leitor.

Recebemos a seguinte carta, que, fiéis ao nosso programma de fazer jornalismo moderno, publicamos na integra:

Sr. Redactor de «O Herald».

Consinta V. que, nas colunas do seu muito conceituado jornal eu faça breves considerações acerca de um assunto de grande interesse publico e que me foram suggeridas por factos, que passo a expor, limitando-me a ligeiros comentarios, porque não desejo melindrar pessoa alguma.

Passando pelo mercado de peixe desta cidade, em 23 do mês findo, reparei que num recanto do dito mercado estavam a despregar uma porção de caixotes, que depois vi estarem cheios de ameijoas.

Indagando a razão do caso, fui informado de que os caixotes estavam pregados e prontos a sair para Espanha desde o dia 21.

Perguntei porque não saiam e por um dos principaes exportadores de ameijoas, homem pratico no assunto, me foi dito que a exportação para Espanha não estava prohibida oficialmente, mas que, com graves prejuizos geraes, se encontrava suspensa por deliberação da Commissão de Subsistencias de Faro.

Conhecendo da abundancia de ameijoas que existe no mercado, achei extraordinaria a tal deliberação, mas ainda mais me surpreendeu a afirmativa do meu interlocutor, garantindo-me ter comprado as ameijoas encaxotadas «com a devida autorisação da policia da praça».

Mais me disse o meu obsequioso informador que a attitudo da Commissão prejudicava grandemente muitas familias, não os donos ou concessionarios dos viveiros, mas sim centenares de infelizes mariscadores, que, não tendo outro modo de vida, ficam na miseria logo que não haja compradores—exportadores—que lhes paguem o seu arduo trabalho.

O caso é digno da maior attenção e reclama o maior criterio da parte das entidades, que por dever-nele tem de intervir.

Será razoavel suspender a exportação de um artigo depois de ter sido autorizada a respectiva compra?

Será justo que os exportadores concorram e animem o mercado, valorizando-o e que depois de feita a embalagem dos generos adquiridos, venha a Commissão de Subsistencias prejudica-los com as suas deliberações da ultima hora?

O caso é tanto mais estupendo quanto é certo não se tratar de um genero de primeira necessidade.

O povo não pôde passar sem farinhas, grão, batatas, feijão, peixe e outros artigos indispensaveis á vida, mas sem ameijoas passa perfeitamente.

Demais, sabe-se que os viveiros se estagam se não se atenuar com a apanha o excesso da produção.

A ameijoas, se não for exportada de inverno, menos o será de verão, porque, reza a historia?

Se isto succede em paizes de tão vasta cultura intelectual, que admira que entre nós se cometam igualmente algumas de essas violencias, alguns desses desacatos, de que são victimas objectos puramente inofensivos?

O governo provisorio da Republica, desejando conservar intacto o tesouro artistico nacional, o patrimonio que nos legaram tantas gerações successivas, publicou um decreto, regulando por um modo prohibitivo a saída do nosso paiz de objectos artisticos. Foi muito, mas não foi bastante, porque é necessario resalvar da destruição, do desleixo, da incuria, da ignorancia ou desconhecimento, e até da paixão puerilmente rancorosa, o que tem alguma significação historica, tradicional e artistica.

Desejariamos ver concentrados e empenhados nesta cruzada patriótica todas as corporações a quem mais ou menos está confiada a guarda e conservação de tão grandioso patrimonio. Ao Conselho Superior dos Monumentos incumbem especialmente essa tarefa, já distribuindo com profusão circulares por todo o paiz, em que se demonstre ao publico quais são os seus deveres civicos neste sentido, já enviando delegados seus, a fazer conferencias sobre o assunto, escolhendo os locais, onde avultem os monumentos mais dignos de serem admirados e respeitados.

O povo portuguez não é refratario ao bom senso e estamos seriamente convencidos de que ele receberá gostosamente este apostolado do belo e que, devidamente instruido, não tardará a constituir-se o mais vigilante guarda e defensor dos monumentos nacionaes, entidades completamente estranhas ao facciosismo de qualquer casta.

E' isto que muito desejaríamos ver.

devido aos fortes calores, chega quasi sempre deteriorada ao seu destino.

Proibida ou suspensa a exportação, que fazem os donos dos viveiros? Então elles só servem para pagar ao Governo os respectivos impostos? Quem lhes salvaguarda os seus direitos, que nada mais representam do que a garantia dos salarios dos chefes de familia que se occupam na mariscagem?

Ao sr. Ministro do Fomento, ao sr. Governador Civil e ao digno Chefe do Departamento Maritimo pedimos prontas providencias; os animos estão exaltados e a classe mariscadora, uma das mais laboriosas, que trabalham no mar, merece ser atendida.

Mais vale prevenir do que remediar; realmente salta aos olhos que esta suspensão só prejudica a maioria.

Perde a Alfindega os seus direitos, o Caminho de ferro e o Comercio em geral, porque são muitas as centenas de escudos que ficam em Faro, devido á exportação de um artigo que nunca foi nem pôde ser considerado de primeira necessidade.

Para melhor informar os seus leitores, sr. Director de «O Herald», tive o cuidado de solicitar a um dos principaes exportadores, uma estatística sobre o assunto.

Pois bem, este exportador, só elle, desde 1 de Maio de 1914 a 30 de Novembro de 1915, comprou e exportou a bagatela de 11.300 medidas de ameijoas, no valor de 16.843,15, e pagou de portes 1.437,77.

28 contos e quasi 300 escudos em ameijoas é importantissimo, não acha, sr. Redactor?

Fu acho, e entendo que, á semelhança do que os outros povos fazem quando possuem riquezas de tão facil exploração, nos deviamos orgulhar de ter uma ria tão produtiva, tratando de ampliar a exportação e abrindo-lhe novos mercados.

Para que servirá toda esta abundancia se não continuar a ser auctorisada a exportação?

Julga-se, acaso, que, prohibida ella, teremos para aí uma inundação de ameijoas que permita a respectiva venda a 2 ou 3 centavos o kilo?

Puro engano. Por tal preço ninguém se sujeitara a ir apanha-las e, além disso, é mais que desumano lançar assim na miseria tantas familias, desvalorizado que seja o arduo trabalho dos pobres mariscadores.

Para remate, transcrevo, em desataviada tradução, alguns trechos de uma carta de um dos principaes importadores de ameijoas em Madrid, dirigida ao seu correspondente em Faro.

Resu assim:

«Nós, madrilenos, teriamos grande susto se não vissemos entrar pelas diferentes estações da Capital, farinhas, batatas, legumes, hortaliças e outros generos indispensaveis á existencia, mas, se não en-

TUNA LOULETANA

E' esperada no dia 10 nesta cidade a «Tuna Louletana 1.º de Janeiro», que tenciona dar um concerto no Teatro Circo.

PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUEZ

Pedem-nos a publicação do seguinte:

A Commissão Municipal Politica do Partido Republicano Portuguez, do concelho de Faro, e as commissões paroquias do mesmo partido, reunidas em sessão conjunta, resolve-ram, por unanimidade, protestar contra a odiosa e desleal campanha de difamação, movida por pessoas despeitadas, contra o illustre Inspector do Circulo Escolar de Faro, o sr. Ambrosio da Silva, cujas qualidades de caracter, aliadas aos sentimentos de rectidão, justiça e ponderação no exercicio do seu mister, fazem d'aquele illustre cidadão um funcionario modelar.

Faro, 4 de Janeiro de 1916.

São convidados os socios do Centro Republicano Democratico de Faro, a reunir-se, de harmonia com os art.ºs 15 e 35 dos estatutos, para eleição de novos corpos gerentes.

Não havendo numero á primeira convocação, no dia 12 do corrente pelas 21 horas, fica desde já avisada a segunda para o dia 16 pelas 14 horas, funcionando com qualquer numero.

trar uma ameijoas, ninguém dará pela falta, porque se trata de um artigo de luxo e nunca de primeira necessidade e que, pelo seu alto preço, devido ao grande porte e direitos, não é para pobres, a não ser em dias de grande abundancia, em que, com receio de que se estraquem, chegamos a vende-las por menos preço do que custam em Faro.

«E não julguem os srs. farenenses, por verem sair para Madrid grandes remessas, que estamos aqui de boca aberta esperando que nos cheguem ameijoas».

«Nada disso. Pedimos esse artigo como varios outros, com a mira de agenciá-lo a vida».

«O que, deveras, extranhámos é que de Olhão e de outros pontos de Portugal nos sejam diariamente remetidas poucas ou muitas e que não venham de Faro, onde existem com maior abundancia».

Elucidado, assim, o assunto, e sabido de todos nós, os que nesta lucta pela vida diariamente nos encontramos no campo dos negocios, que a exportação da ameijoas constitue uma fonte de riqueza que não deve ser despresa, causa ainda maiores reparos a deliberação de caracter suspensivo a tal respeito tomada pela Commissão de Subsistencias.

Acaso tomaria a digna Commissão uma tal medida por tratar-se de um marisco que é justamente considerado como inergico aperitivo e sadio reconstituinte?

Se assim é, os fabricantes de elixires revigoradores que lhe agradecem a lembrança, na verdade, muito lamentavel, por afectar interesses geraes e particulares dignos de maior attenção.

Desculpe, sr. Redactor, o precioso espaço que lhe roubo e creia-me,

De V. Ex.ª

M.º A.º Obrg.ºº

Constante leitor.

Ja depois de composta esta carta recebemos a seguinte:

Sr. Redactor:

Faro, 6 de Janeiro de 1916.

Continuamos com a exportação de marisco prohibida sem se saber porque, nem mesmo a quem favorece esta paralisação.

Centenares de mariscadores na maior miseria, por não terem outro modo de vida.

Estou bem certo que se o illustre deputado dr. João Pedro de Sousa, estivesse informado do que aqui se passa a este respeito, com a sua grande influencia, muito faria em Lisboa.

Constante leitor.

A Instrução Primaria no Circulo de Faro

A proposito das cartas da sr.ª D. Catarina dos Santos Cantinho e do sr. Antonio Rufino Marreiros, professores officiaes de Monchique, publicadas no ultimo «Herald», foi-nos dirigido o seguinte comunicado, que muito gostosamente publicamos, não só porque tem sido nosso intuito esclarecer o melhor possivel este melindroso assunto em que apparece envolvida toda uma prestantissima classe, qual é a do professorado primario, mas tambem porque, cohecendo pessoalmente alguns dos signatarios, sempre eles nos tem merecido a consideração a que tem em jus todos aqueles que consideramos incapazes de faltar aos seus deveres profissionais e ás praticas da boa sociabilidade:

Ex.º Sr. Redactor:

Vimos no apreciado «Herald», de 2 do corrente, duas cartas dirigidas ao ex.º Inspector deste circulo escolar. E' acerca dessas cartas, que, confiadas na imparcialidade de V. Ex.ª, vimos mais uma vez abusar da sua bondosa hospitalidade declarando, perentoriamente, que os signatarios das aludidas cartas não figuram na tão falada representação dos professores deste circulo, que são os unicos que a assinaram.

V. Ex.ª comprehende muito bem que, tendo as assinaturas de ser reconhecidas por um notario, este, qualquer que elle fosse, não se prestaria a reconhecer nomes de que não pudessem dar fé.

Além disso não julgamos os nossos colegas deste ou de qualquer outro circulo escolar, nem a nós mesmos, tão indelicados, descortezes ou desconhecadores dos deveres sociaes a ponto de cometer o abuso a que se referem as mencionadas cartas.

O movimento não é de perseguição, nem politico, mas tão sómente para illibar professores ou Inspector de injustas accusações e aclarar a situação dos mesmos.

Do circulo de Silves, ao qual pertencem os colegas que tiveram a infelicidade de, impensadamente, escrever taes cartas, apenas temos a adesão moral dos colegas das sedes dos concelhos de Lagos e Silves, mas note-se que esta foi expontanea.

Vê, pois, senhor Redactor, como os

nosso colega D. Catarina dos Santos Cantinho e Antonio Rufino Marreiros foram torpemente iludidos e faltaram tão malevolamente a verdade, procedimento este, que reputamos bastante inqualificável.

A'queles colegas nada pedimos, nem dos seus nomes fizemos uso algum, nem nos lembramos nunca das suas pessoas para tal fim. Compreendemos bem o que originou tão grande desastre!

Eis a verdade em toda a sua nudez. Ficam, portanto, os colegas Cantinho e Marreiros, da vila de Monchique, desde já intimados a provar o que disseram, sob pena de desmerecerem do conceito em que até aqui os tínhamos, pois têm demasiada ingenuidade ou propositada má fé quem de animo leve assim proceder.

Pela publicação destas linhas muito-gratos lhe ficam, sr. Redactor os

De V. Ex.^a

Att.^{os} V.dores e Mr.^o Obrg.^{os}
José Maximo de Sousa
Joaquim Lino Amores
Antonio Mateus
Carlos Lopes
Joaquim Viegas Azinheira
José Joaquim Pinto da Cruz.

Tambem, por intermedio do sr. Sebastião Ferreira, digno e conceituado professor official em S. Braz de Alportel, recebemos o seguinte comunicado, que nos apressamos a publicar, assentando assim a nossa absoluta imparcialidade num assunto, que muito desajuramos ver resolvido com honra para qualquer das partes:

Ex.^{ma} Sr. Director de «O Heraldo»

Permita V. Ex.^a, senhor Director, aos professores do concelho de Alportel, que também assistiram á reunião efectuada no dia 1.^o de Dezembro, em Faro, na escola central feminina, um caminho do seu apreciado semanario, «O Heraldo», para declararem duma forma terminante que os senhores professores da sede do concelho de Monchique falaram a verdade, nas cartas que enviaram ao ex.^{ma} sr. Inspector deste circulo e que foram publicadas no seu jornal, accção que nada honra quem presa a sua dignidade e muito principalmente a quem, como a eles, está confiada a educação dos filhos do Povo.

Como V. Ex.^a deve presumir, os professores d'um circulo diferente do de Faro, nada tem com o que nele se passa, sendo por consequencia, um absurdo a inclusão dos seus nomes numa representação que só diz respeito a questões passadas neste circulo.

Veja, agora V. Ex.^a, como a eloquencia das mesmas cartas se desfaz, como simples bolas de sabão, ao sopro da mais leve aragem.

Cria V. Ex.^a que imensamente gratos lhe ficarão os professores deste concelho pela publicação destas linhas.

S. Braz de Alportel, 4-1-1916.

Sebastião Ferreira
Inês Ascensão da Ponte
Amelia de Jesus Franca
Augusta do Carmo Neto
Antonio Gonçalves S. Braz Junior.

O imposto da sobretaxa

No intuito de pedir a anulação deste imposto, que os industriaes fabricantes de conserva consideram muito oneroso, partiram para Lisboa, além de muitos industriaes de Olhão e Lagos, os representantes das firmas Santos Silva & C.^a, Coelho e Juiz Fialho.

Ao sr. dr. Alfonso Costa, Presidente do Ministerio e ministro das finanças, foram dirigidos os seguintes telegramas:

«A Associação dos Solidadores, de Olhão, na iminencia de ver fechar as fabricas pela applicação da sobretaxa de um centavo por kilo de conservas de peixe a exportar, pede a V. Ex.^a seja anulada tal sobretaxa, pois no caso contrario serão lançados á miseria milhares de operarios desta industria e da pesca e seus derivados.

Ao esclarecido espirito de V. Ex.^a pedimos reconhea a justiça do pedido.

A Direcção.

«A Classe de Solidadores de Faro, na expectativa de serem fechadas as fabricas de conserva, devido á applicação da sobretaxa de um centavo por kilo de conservas a exportar, pede a V. Ex.^a a anulação immediata da dita sobretaxa como atenuante da grande crise que atravessamos».

A Estante do «HERALDO»

PUBLICAÇÕES RECEBIDAS

HISTORIA UNIVERSAL.—por Guilherme Oncken.—Esta publicação é uma obra de excelente publicação, traduzida em portuguez por um grupo de professores de Historia, sob a direcção de Agostinho Fortes e editada pela Livreria Alvim & Bertrand, de Lisboa.

Por esse Algarve

Boliqueime

Iniciando as minhas modestas correspondencias para «O Heraldo», comecei por chamar a attenção da direcção dos Caminhos de Ferro de Sul e Sueste para a falta de um «marquise» na estação, a fim de evitar que os passageiros estejam expostos á foveria.

Infelizmente a estação de Boliqueime nem uma sala de espera possui em condições...

—Os lagares de azeite trabalham activamente em Boliqueime pois a colheita da azeitona, nesta região é muito superior á dos anos anteriores. A produção do azeite é regular e a qualidade magnifica. Devido ás ultimas chuvas, os lavradores activam as sementeiras, vendo-se lá grandes lavras de favas e outros generos.

C.

Estoi

Encontra-se nesta aldeia o sr. visconde, de Estoi.

—Na estrada distrital, no sitio do Besouro, está arruinado um pontão. Pedimos providencias.

—Passaram aqui muito animadas as festas do Natal e Ano Bom.

O presepio do jardim esteve aberto todos os dias, havendo muita concorrência.

—Veio passar as festas com sua familia a sr.^a D. Mariana da Conceição Abreu Cipriano.

—O tempo tem corrido magnifico para as sementeiras.

—Na praça appareceu afixado um edital acrat, contra a carestia dos generos.

C.

Tavira

Foi encantadora a festa do Natal dedicada pela sr.^a D. Hilda de Campos Cansado, ás crianças de sua familia e ás da sua intimidade.

A «Árvore do Natal», numero indispensavel nestas festividades infantis, primorosamente ornamentada pela sr.^a D. Hilda Cansado, acentuava o fino gosto artistico que distingue esta senhora e ostentava lindos premios que enthusiasmarão as crianças, conservando-as em constante alegria. A festa teve logar das 3 ás 6, havendo um excelente serviço de chá e deliciosos doces, ás 6 horas.

A sr.^a D. Hilda fez gentilmente as honras da casa, coadjuvada por sua mãe, a sr.^a D. Angelina Contreras de Campos, e por sua tia, sr.^a D. Maria Chagas.

Algumas senhoras executaram belos trechos de musica, dando uma requintada nota de arte a esta encantadora festa, que deixou ás mais gratas impressões em todos os assistentes, entre os quais se notavam as senhoras mais distintas desta cidade.

C.

REMEDIO FRANCÊS



IMPRESA

«CORREIO LITERARIO»

Recebemos o 1.^o numero desta bem redigida revista quinzenal de que é director literario o sr. Cymo Dilcan.

Tem excellentes aspectos e insere magnifica e variada collaboração.

Desejamos-lhe longa vida e prosperidades.

«A REVOLTA»

Visitou-nos este colega de Coimbra com o qual vamos estabelecer permuta.

«ANIVERSARIOS»

Passaram ha dias os anniversarios dos nossos presados colegas «Primeiro de Janeiro», «Seculo», «Dia», e «Diario de Noticias».

Felicita-mos muito cordalmente.

Noticias de Instrução

O sr. Carlos Vilamariz, professor efectivo do liceu de Faro, foi nomeado bibliotecario do mesmo liceu.

Foi nomeada professora da escola do sexo feminino de Alte a sr.^a D. Maria Elisa de Faria Abcim.

Foi provida definitivamente a sr.^a D. Aurora Maria Gomes Delgado, professora da Figueira, Portimão.

A Elegante

RODOLFO SILVA

LOULÉ

O sortido mais grandioso e completo em tecidos pretos e azues para vestidos genero *tailleur*, encontra-se neste estabelecimento.

Exposições permanentes das ultimas criações da moda na secção de tecidos de inverno.

Pêles, Doubles-Faces, Blusões, Casacos, Echarpes, Saídas de Teatro, Baile, etc,

Endereçar pedidos de amostras que se enviam na volta do correio para todos os pontos da provincia.

Rodolfo Silva.

CANCIONEIRO DO POVO

O meu peito é uma rua
Onde o meu bem nunca passa;
E' a rua da amargura
Onde passeia a desgraça.

Eu tenho duas escadas,
De pedra negra são feitas;
Por uma as esperanças sobem,
Por outra descem desfeitas.

Se o teu coração morrer,
Ha de ir o meu coração
Com elle p'ro cemiterio
A servir-lhe de caixaõ.

Carteira

Fazem anos:

Hoje, Domingo, 9.—H. Luiza Faleiro Pereira, D. Eduardo da Sousa Reis, Helião José Tavares, Antonio Eusebio Pereira e Henrique Vieira Mirlo.

Segunda-feira, 10.—O. Herculano Moreira Palma, D. Lucinda Rosa de Carvalho, José Manuel Ferreira e Alfredo do Sousa Dias.

Terça-feira, 11.—D. Beatriz de Sousa da Costa Madeiral, D. Aurelia dos Santos Eusebio, D. Inez Cordeiro, José Antonio Paizão, Alberto das Chagas Pinheiro e a menina Maria das Dores Mendonça Coelho.

Quarta-feira, 12.—D. Maria de Sousa Carmo, D. Julia do Castro Viegas, Joaquim Pedro Ferro e Domingos Gomes Ferreira.

Quinta-feira, 13.—D. Luiza da Cunha B. atos, D. Maria da Natividade Pomes, Alfrado Maria Viegas e Verissimo Pedro Gomes.

Sexta-feira, 14.—D. Alexandrina Siller de Sousa, D. Maria Emilia Pinto, Acetinho de Sousa Domingues e o menino Alfredo Carlos Barreto.

Sabado, 15.—D. Ana H. mos Bandeira, D. Amelia Augusta Sergio, Alfredo José Albino e Manuel José Gago.

Casamentos:

Realizou-se em Cacia o enlace matrimonial da sr.^a D. Isabel da Encarnação Franca, digna professora official da escola frequencia, com o sr. Luiz Cordeiro Ricardo, brisado sargento do exercito.

Telemunharão o acto os srs. Joaquim Cordeiro Ricardo e Antonio Gil Madeira.

Está julgo o enlace matrimonial da sr.^a D. Maria Amelia Cansado, filha do sr. D. Sebastião Cansado e do sr. Jordão José Cansado, proprietario da Tavira, com o sr. Eduardo Rodrigues Carvalho, altera de engenheira.

Doentes:

Encontram-se doentes as senhoras:
D. Ana Villena, a esposa do sr. Maniz Corle Real, a esposa do sr. Antonio Viegas Pinheiro, D. Maria das Dores de Brito Taborda, D. Feliciano de Brito e uma filha da do sr. Antonio do Nascimento Pitt.

E os senhores:
Artur Adolfo Pereira Laxe Vasco Mascarenhas.

Em Loulé, onde fôra, a fim de posar as ferias com sua familia, encontra-se doente o sr. Carlos Pinto, digno professor de Gídes.

Tem estado doente o sr. Artur Gueles de Matos, digno chefe do conservatorio de Obras Publicas, o nosso prezado assinante de Loulé.

Necrologia:

Faleceram:
Em Lisboa, a mãe do sr. Lopo Vaz de Sampaio e Mello, e o sr. José Soares Vila Lobos; em Santa Barbara de Naxo, o sr. José Viegas Alcaria e em Cacia, o sr. Pedro Madeira Castedro.

Em Loulé, onde fôra sujeitar-se a uma meliorada operação, faleceu o sr. Domingues Domingues, conceituado piloto em Vila Real de Santo Antonio e irmão do nosso prezado amigo sr. Francisco Malagães Domingues.

Deixou viúva e duas filhas menores.
Faleceu na sua casa da Timarim—Tras-os-Montes—o sr. dr. Antonio de Azevedo Castello Branco, illustre homem publico.

A's familias enlutadas os nossos peizmos.

Registo Civil

Nascimentos, casamentos e obitos registados de 25 a 31 de Dezembro de 1915.

Nascimentos..... 10
Casamentos..... 7
Obitos..... 11

E de 1 a 7 de Janeiro de 1916.

Nascimentos..... 25
Casamentos..... 3
Obitos..... 12

Numero dos casamentos realizados no concelho de Faro:

Em 1911, 201; em 1912, 291; em 1913, 277; em 1914, 220.

Aveia, tremoco e cevada vendem posta sobre vagon.

A. CAMPOS & A. MENDES
Montemor-o-Novo

AGRADECIMENTO

Miguel de Lemos Pantoja, imensamente reconhecido para com os Ex.^{mas} srs. drs. Candido de Sousa e Francisco Antonio Honorato de Sousa Vaz, pela maneira extremamente afavel e carinhosa com que operaram seu filho Helder Guerreiro Pantoja, vem por este meio e do intimo d'alma, agradecer todos os cuidados ao mesmo prodigalizados e a grande fineza ainda, de obsequiosamente se prestarem a realizar a mesma operação.

Ao Ex.^{mo} dr. Vaz, medico assistente, pela solicitude com que continuou tratando-o operado, e a todas as pessoas que pelo mesmo se interessaram, aqui ficam consignados os protestos sinceros da sua eterna gratidão.

Barreiro, 2. de Janeiro de 1916.

Miguel de Lemos Pantoja.

Tipografia do «Heraldo»

Chamamos a attenção dos nossos presados leitores e assinantes para o anuncio da tipografia do «Heraldo» inserto na secção competente.

NOTICIARIO

Completamente restabelecido da grave doença que durante muito tempo o molestou, já se encontra em Faro, lendo reassumido o exercicio das suas funções, o sr. dr. João Barbosa, digno administrador deste concelho e emissario de policia.

—Deram-nos o prazer da sua visita nesta redacção o sr. Francisco Baptista Corrêa, nosso presado colega do «Ecos de Mira».

—Já regressou de Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Teodoro de Almeida Coelho, conceituado industrial nesta cidade.

—Foi transferido para a estação central de Lisboa, o 2.^o aspirante telegrapho-postal em serviço na estação de Faro, sr. Constantino Simplicio da Gama Carvalho.

—O nosso prezado amigo sr. M. F. Costa, proprietario da conceituada Loja de Lisboa, enviou-nos um lindo calendario da Companhia de Seguros «Portugal Previdente», de que é digno agente em Faro.

Agradecemos.

—Com sua irmã, sr.^a D. Virginia Soares, regressou a esta cidade a sr.^a D. Ermelinda da Conceição Soares, distinta professora official, que fôra passar as ferias com sua familia, em Moncarapacho.

—Acompanhado de sua filha, sr.^a D. Maria da Natividade Domingues, já regressou de Lisboa a Vila Real de Santo Antonio, o sr. Francisco Malagães Domingues.

—Regressou de Lisboa o sr. Antonio da Cunha Belem, conceituado professor do liceu desta cidade.

—O industrial da Silva, sr. Adelino Ruella, irmão da sr.^a D. Georgina Rocha, digna professora-secretaria da Escola Normal de Faro, partiu ha dias para Barcelona.

—Foi nomeado administrador do concelho de Lagoa, o nosso prezado amigo e correligionario sr. dr. Virgilio Negrão Calado.

—Encontra-se em Lisboa, acompanhado por sua esposa, o sr. José Antonio Denilho Junior, professor do Liceu de Faro.

—No dia 30 do mês passado realison se em Olhão o jantar de homenagem ao sr. dr. Carlos Fuzeta, pelos seus boas serviços como membro da comissão de pescarias, que discutiu com os representantes do governo espanhol as bases do novo tratado do commercio.

Neste banquete tomaram parte mais de 100 convivas, entre os quais os representantes da alta industria algarvia.

—Regressou a Loulé o sr. João Diogo Mascarenhas Neto, importante proprietario e digno Tesoureiro da Fazenda Publica daquelle villa.

—Esteve em Loulé, acompanhada por Mademoiselle Alzira Lima Crispim, a sr.^a D. Inocencia do Carmo Peniz.

—Acompanhado de sua esposa foi a Lisboa o capitão de infantaria 4, sr. Francisco Barros.

Partiu no dia 6 para Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Domingues Lopes, digno fiscal dos impostos.

—Constituiu-se em Lisboa nma empresa, de que faz parte o sr. dr. Carlos Fuzeta e varios capitalistas algarvios, para lançamento de nma armação de atum na costa de Marrocos.

O capital é de 450 contos, devendo elevar-se a 300.

—Recomeçam brevemente os trabalhos para instalação de luz electrica em Loulé.

Espera-se que todos os trabalhos estejam concluidos dentro em dois mezes.

—Esteve em Tavira no dia 6, o sr. Luiz Rodrigues Corvo, nosso prezado amigo.

—Acompanhado de sua esposa partiu no dia 7 para o Funchal, o pagador das

obras publicas daquele districto, sr. Joaquim Paulino Fundado.

—Foi transferido para o liceu de Beja, o sr. Francisco Cumano, aluuo do liceu de Faro.

Falta de espaço

A falta de espaço com que lutamos obrigou-nos a retirar varios artigos, já compostos para este numero.

Agencia Investigadora

Chlado, 38, 3.^o—Lisboa

Unica agencia do paiz montada no genero das de Paris e Londres

Indagações de carater particular

Informa-se sobre a situação e proceder de pessoas, para assumtos de casamentos, empregos, transações, divorcios, roubos etc., em todo o paiz.

Vigilancias. Informaçoes comerciais. Agentes em todo o paiz.

Informações sobre estudantes

Frequencia ás aulas, classificações, comportamento dentro e fóra das escolas, etc., em todo o paiz.

Cobrança de dividas. Transações

Seriedade em todos os assumtos. Dão-se referencias. Correspondencia para a sede da Agencia, ao Director.

EDITAL

Joaquim Filipe Freire Pires, sub-inspector das alfandegas e chefe da delegação em Faro.

Tendo-se extraviado o conhecimento relativo a 217 caixas com folha de Flandres, consignadas a P. J. R. Viegas, e vindas de Lvausia no vapor «Advance», contra marca 87/915, das quaes já foram despachadas 167, pelo bilhete de ordem n.^o 96 e de receita n.^o 213, em conformidade com o disposto no artigo 478 do decreto de 31 de janeiro de 1889, mandei afixar editaes nos logares mais publicos e do costume, devendo um dos exemplares ser publicado no periodico «O Heraldo», convidando a que se apresentem as reclamações legais; e ficando o prazo marcado no § 1.^o do citado artigo, sem que haja reclamação alguma, será a mercadoria entregue ao consignatario acima mencionado.

Delegação em Faro, 3 de janeiro de 1916.

Joaquim Filipe Freire Pires.

Almanaque Figueirinhas para 1916 (1.^o ann). Está exposto á venda nas principais livrarias do paiz este Almanaque, para os professores primarios e amigos da intrução, ao preço de 30 centavos, organizado por Antonio Figueirinhas.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

